

CIDADES DE PAPEL

"A PROSA DE
GREEN
É IMPRESSIONANTE
— DE GÍRIAS E
PALAVRÕES
HILÁRIOS
E INTELECTUAIS
A FILOSOFIAS
COMPLEXAS E
OBSERVAÇÕES
VERDADEIRAS E
DEVASTADORAS."
SCHOOL LIBRARY JOURNAL

"**HILÁRIO E
MORDAZ.**"
KLIATT

"**IRRESISTÍVEL.**"
THE BULLETIN
OF THE CENTER
FOR CHILDREN'S BOOKS

"O ESTILO
DE GREEN
é esplêndido,
uma voz
que combina
PERFEITAMENTE
com sua
divertida obra."
BOOKLIST

"GREEN,
numa abordagem adorável,
apresenta um menino
inteligente e
sua maneira de amar.
CIDADES DE PAPEL
tem diálogos reais — e muito
engraçados —; um mistério
intricado, porém crível, e
personagens secundários
ENCANTADORES."
KIRKUS REVIEWS

JOHN GREEN



Tradução de Juliana Romeiro



Copyright © 2008 by John Green

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte em quaisquer meios. Publicado mediante acordo com Dutton Children's Books, uma divisão do Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (USA), Inc.

Folhas de relva. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes, extraída da edição da Iluminuras, 2005.

TÍTULO ORIGINAL

Paper Towns

PREPARAÇÃO

Fernanda Lizardo

REVISÃO

Shirley Lima

Marcela de Oliveira

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83c

Green, John, 1977-

Cidades de papel / John Green ; tradução Juliana Romeiro.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

368p. ; 21 cm

Tradução de: Paper Towns

ISBN 978-85-8057-374-9

1. Ficção americana. I. Romeiro, Juliana. II. Título.

13-02500.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Julie Strauss-Gabel;
sem ela nada disto teria se tornado realidade.

E depois, quando
saímos para ver sua lanterna já pronta
da rua, eu disse que gostava do jeito como a luz
brilhava no rosto que bruxuleava na escuridão.

— “Jack O’Lantern”, Katrina Vanderberg, em *Atlas*

As pessoas dizem que amigos não destroem uns aos outros
O que elas sabem sobre amigos?

— “Game Shows Touch our Lives”, The Mountain Goats



CIDADES DE PAPEL

JOHN GREEN

Intrínseca

PRÓLOGO

Na minha opinião, todo mundo recebe uma dádiva. Por exemplo, muito provavelmente eu nunca vou ser atingido por um raio, nem ganhar um Prêmio Nobel, nem virar ditador de uma pequena ilha do Pacífico, nem ter um câncer terminal de ouvido, nem sofrer combustão espontânea. Mas, se você levar em conta todos os eventos improváveis, é possível que pelo menos um deles vá acontecer a cada um de nós. Eu poderia ter presenciado uma chuva de sapos. Poderia ter pisado em Marte. Poderia ter sido engolido por uma baleia. Poderia ter me casado com a rainha da Inglaterra ou sobrevivido meses à deriva no mar. Mas minha dádiva foi diferente. Minha dádiva foi a seguinte: de todas as casas em todos os condados em toda a Flórida, eu era vizinho de Margo Roth Spiegelman.

O bairro planejado onde morávamos, Jefferson Park, havia sido uma base da Marinha. Mas aí a Marinha já não precisava mais dela e devolveu o terreno para os cidadãos de Orlando, na Flórida, que decidiram construir um bairro gigante, porque é isso que se faz com os terrenos na Flórida. Meus pais e os de Margo acabaram se mudando para casas vizinhas assim que as primeiras foram construídas. Margo e eu tínhamos dois anos.

Antes de virar uma Pleasantville e antes mesmo de ser uma base da Marinha, Jefferson Park pertencia, de fato, a um sujeito de nome Jefferson, um tal de Dr. Jefferson Jefferson. Há uma es-

cola batizada em homenagem a Jefferson Jefferson em Orlando, além de uma grande instituição de caridade, mas o detalhe fascinante e inacreditável, porém verdadeiro, a respeito do Dr. Jefferson Jefferson é que ele não era médico coisa nenhuma. Era apenas um vendedor de suco de laranja chamado Jefferson Jefferson. Quando ficou rico e poderoso, entrou com uma ação judicial, fez de “Jefferson” seu sobrenome e então mudou o nome para “Dr.”. *D* maiúsculo, *r* minúsculo e ponto final.

E então Margo e eu tínhamos nove anos. Nossos pais eram amigos, por isso brincávamos juntos de vez em quando, de bicicleta, pelas ruas sem saída a caminho do Jefferson Park propriamente dito, no coração do bairro.

Quando descobria que Margo estava prestes a chegar eu sempre ficava muito nervoso, pois ela era a criatura mais fantasticamente linda que Deus já havia criado. Na manhã em questão, ela estava de short branco e camiseta cor-de-rosa com a estampa de um dragão verde soprando um fogo de *glitter* alaranjado. É difícil explicar que na época achei aquela camiseta incrível.

Margo, como sempre, pedalava em pé, os braços rígidos enquanto se inclinava sobre o guidom, os tênis roxos formando um círculo borrado. Era um dia quente e úmido de março. O céu estava claro, mas havia uma acidez no ar, como se um temporal fosse iminente.

Naquela época eu gostava de imaginar que era inventor, e depois de prendermos nossas bicicletas e iniciarmos uma curta caminhada até o parquinho, contei a Margo minha ideia para uma invenção chamada Fazedor de Anéis. O Fazedor de Anéis era um canhão gigante que atiraria pedras enormes e coloridas até uma órbita baixa, conferindo à Terra anéis como os de Saturno. (Ainda acho a ideia ótima, porém construir canhões capazes de atirar pedregulhos em uma órbita baixa é um tanto complicado.)

Eu já fora ao parque tantas vezes que tinha um mapa dele no cérebro, então mal havíamos entrado e comecei a sentir que o mundo estava fora de ordem, embora não soubesse de imediato *o que* estava diferente.

— Quentin — chamou Margo baixinho, devagar.

Ela apontava. Foi então que percebi o que havia de diferente.

A poucos metros de nós havia um carvalho. Grosso, retorcido e com jeito de muito antigo. Aquilo não era novidade. O parquinho à nossa direita. Também não era novidade. Já o cara de terno cinza largado junto ao tronco do carvalho, imóvel... aquilo era novidade. Estava rodeado de sangue; uma cascata sanguinolenta meio seca saía da boca. Que, por sua vez, estava aberta de um modo que bocas normalmente não deveriam ficar. Moscas pousavam na testa pálida.

— Ele está morto — disse Margo, como se eu não tivesse reparado.

Dei dois passinhos para trás. E me lembro de ter pensado que, se fizesse qualquer movimento súbito, ele poderia despertar e me atacar. Talvez fosse um zumbi. Eu sabia que zumbis não existiam, mas ele *parecia* um zumbi em potencial.

Quando dei os dois passos, Margo também deu, igualmente curtos e silenciosos, porém para a frente.

— Os olhos dele estão abertos — disse ela.

— Agentetemqueirpracasa — falei.

— Eu achava que a gente fechava os olhos quando morria.

— Margoagentetemqueirpracasacontarpralguém.

Ela deu outro passo. Estava perto o suficiente para tocar o pé do sujeito caso esticasse o braço.

— O que você acha que aconteceu com ele? — perguntou.

— Talvez tenha sido por causa de drogas ou coisa assim.

Eu não queria deixar Margo sozinha com o cara morto que podia ser um zumbi assassino, mas também não estava a fim

de ficar ali conversando sobre o motivo da morte dele. Tomei coragem e dei um passo à frente para pegar a mão dela.

— Margoagentetemqueiragora!

— Ok, tudo bem — disse ela.

Corremos até nossas bicicletas, e eu sentia um frio na barriga exatamente como o de empolgação, mas não era. Montamos nas bicicletas, e deixei Margo ir na frente porque eu estava chorando e não queria que ela visse. Tinha sangue na sola dos tênis roxos dela. O sangue dele. O sangue do cara morto.

E então chegamos às nossas respectivas casas. Meus pais telefonaram para o serviço de emergência, e eu ouvi as sirenes a distância e pedi para ver o carro dos bombeiros, mas minha mãe não deixou. Então tirei um cochilo.

Meus pais são psicólogos, o que significa que sou centrado para cacete. Então, quando acordei, tive uma longa conversa com minha mãe sobre o ciclo da vida, e sobre a morte ser parte da vida, mas não uma parte da vida com a qual eu precisasse me preocupar muito aos nove anos, e aquilo fez com que eu me sentisse melhor. Para falar a verdade, nunca me preocupei muito com essa questão. O que é um feito e tanto, porque eu sou um bocado preocupado.

O lance é o seguinte: eu encontrei um cara morto. Eu, o pequeno e adorável menino de nove anos, e minha ainda menor e mais adorável companheira de brincadeiras encontramos um cara com sangue escorrendo da boca, e aquele sangue estava nos pequenos e adoráveis tênis dela quando voltamos de bicicleta para casa. É tudo muito dramático e coisa e tal, mas e daí? Eu não conhecia o cara. Gente que eu não conheço morre o tempo todo. Se eu surtasse toda vez que uma coisa ruim acontecesse no mundo, ia acabar completamente pirado.

Naquela noite, fui para o quarto às nove, porque nove era minha hora de dormir. Minha mãe me colocou na cama, disse

que me amava, eu falei “Até amanhã”, ela respondeu “Até amanhã” e então apagou a luz e deixou a porta entreaberta.

Quando me virei de lado, vi Margo Roth Spiegelman parada do lado de fora da janela, o rosto quase colado na tela. Eu me levantei e abri a janela, mas a tela continuou entre nós, deixando Margo toda quadriculada.

— Fiz uma investigação — declarou ela muito seriamente.

Mesmo de perto, a tela dividia seu rosto, mas dava para ver que trazia nas mãos um caderninho e um lápis com marcas de dente na borracha. Ela baixou os olhos para as anotações.

— A Sra. Feldman, lá de Jefferson Court, disse que o nome dele era Robert Joyner. Ela me contou que ele morava na Jefferson Road, em um daqueles apartamentos em cima do mercadinho, então fui até lá e tinha um monte de policiais, e um deles me perguntou se eu trabalhava no jornal da escola, e eu respondi que nosso colégio não tinha jornal, então ele disse que, como eu não era jornalista, ele ia responder às minhas perguntas. Ele me contou que Robert Joyner tinha trinta e seis anos. Advogado. Não me deixaram entrar no apartamento, mas ele era vizinho de porta de uma moça chamada Juanita Alvarez, e eu pedi uma xícara de açúcar emprestada para entrar no apartamento dela, então ela me contou que Robert Joyner tinha se matado com um tiro. Aí eu perguntei o motivo, e ela me disse que ele estava se divorciando e que estava triste por causa disso.

Depois Margo parou, e eu simplesmente fiquei olhando para ela, o rosto cinzento iluminado pelo luar e dividido em mil pedaços pela trama da tela. Seus olhos redondos e arregalados ficaram se revezando entre mim e o caderno.

— Um monte de gente se divorcia e não se mata por causa disso — falei.

— Eu sei — disse ela, a voz fervilhando de empolgação. — Foi *isso* que eu disse a Juanita Alvarez. E então ela falou... — Margo virou as páginas do caderninho. — Ela falou que o Sr. Joyner era

problemático. E aí eu perguntei o que isso significava, e ela me disse que nós apenas deveríamos rezar por ele e que eu precisava levar o açúcar para minha mãe, e eu falei para deixar o açúcar para lá e fui embora.

Fiquei em silêncio outra vez. Só queria que ela continuasse falando — aquela vozinha carregada de animação de quase saber das coisas, fazendo com que eu sentisse como se algo importante estivesse acontecendo comigo.

— Acho que sei o motivo — disse ela afinal.

— E qual é?

— Talvez todos os fios dentro dele tenham se arrebitado — respondeu ela.

Enquanto tentava pensar no que dizer, eu me aproximei e abri o trinco da tela que nos separava, soltando-a da janela. Coloquei a tela no chão, mas Margo não me deu oportunidade de falar. Antes que eu pudesse me sentar de novo, ela aproximou o rosto do meu e sussurrou:

— Feche a janela.

Então fechei. Pensei que ela fosse embora, mas simplesmente ficou ali me observando. Acenei e sorri para ela, mas seus olhos pareciam fixos em algo atrás de mim, algo monstruoso que a deixara pálida, e eu fiquei com medo demais para me virar e ver o que era. Só que não tinha nada atrás de mim, é claro — exceto, quem sabe, o cara morto.

Parei de acenar. Minha cabeça estava na mesma altura que a dela enquanto nos encarávamos através do vidro. Não lembro como aquilo terminou — se eu fui dormir primeiro ou se ela foi. Na minha lembrança, esse momento não termina. Só ficamos ali, fitando um ao outro, eternamente.

Margo sempre adorou um mistério. E, com tudo o que aconteceu depois, nunca consegui deixar de pensar que ela talvez gostasse tanto de mistérios que acabou por se tornar um.

PARTE UM

Os fios



1

O dia mais longo da minha vida começou atrasado. Perdi a hora, demorei muito no banho e acabei tendo que tomar meu café da manhã no banco do carona da minivan da minha mãe às 7h17 daquela manhã de quarta-feira.

Normalmente eu ia para o colégio de carona com meu melhor amigo, Ben Starling, mas naquele dia Ben tinha saído de casa na hora de sempre, o que não era conveniente para mim. Para nós, “na hora de sempre” significava chegar à escola trinta minutos antes do início da aula, porque a meia hora que antecedia o primeiro sinal era o auge de nossa agenda social: ficar batendo papo em frente à porta lateral que levava à sala de ensaio da banda. A maioria dos meus amigos participava da banda, e eu passava a maior parte do tempo livre no colégio em um raio de seis metros da sala da banda. Mas eu não fazia parte dela porque sofro de um tipo de surdez musical geralmente associado à surdez mesmo. Estava vinte minutos atrasado, o que tecnicamente significava que ainda chegaria dez minutos antes da aula.

Enquanto dirigia, minha mãe me perguntou sobre minhas aulas, as provas finais e o baile de formatura.

— Não acredito em baile de formatura — lembrei a ela enquanto o carro virava na esquina.

Com maestria, inclinei minha tigela de cereal para compensar a força G. Já tinha feito aquilo antes.

— Bem, não faz mal algum ir com uma amiga. Tenho certeza de que você poderia convidar Cassie Hiney.

E eu *podia* ter convidado Cassie Hiney, que, aliás, era perfeitamente simpática, agradável e bonita, embora tivesse um azar e tanto no sobrenome, gíria para bunda.

— Não é só porque eu não gosto de bailes de formatura. Também não gosto de gente que gosta de bailes de formatura — expliquei, embora não fosse verdade: Ben estava totalmente alucinado com a ideia de ir à festa.

Mamãe entrou na rua da escola, e eu segurei a tigela quase vazia com as duas mãos enquanto passávamos por um quebra-molas. Dei uma olhada no estacionamento dos alunos do último ano. O Honda prateado de Margo Roth Spiegelman estava na vaga de sempre. Minha mãe encostou o carro na rua sem saída em frente à sala da banda e me beijou na bochecha. Vi Ben e meus outros amigos de pé formando um semicírculo.

Caminhei até eles, e a semirrodinha se expandiu naturalmente para me incluir. Estavam comentando sobre minha ex-namorada, Suzie Chung, que tocava violoncelo e aparentemente estava dando o que falar desde que começara a sair com Taddy Mac, um jogador de beisebol. Eu não sabia se aquele era o nome verdadeiro dele. Mas a questão era que Suzie tinha aceitado ir ao baile de formatura com Taddy Mac. Mais uma baixa.

— Cara — disse Ben, que estava de frente para mim.

Ele balançou a cabeça para cima e para baixo e se virou. Eu deixei o grupo e o segui pela porta. Ben, um sujeito pequeno e de pele morena que havia chegado à puberdade sem passar por problemas, era meu melhor amigo desde o quinto ano, quan-

do enfim nos demos conta de que provavelmente nenhum de nós seria capaz de atrair outra pessoa para ser seu melhor amigo. Além do mais, ele se esforçava bastante, e eu gostava disso — na maioria das vezes.

— E aí? — perguntei.

Estávamos seguros lá dentro, a conversa das outras pessoas abafando o som da nossa.

— Radar vai ao baile de formatura — disse ele, mal-humorado.

Radar era nosso outro melhor amigo. A gente o chamava assim porque ele se parecia com o cara baixinho e de óculos chamado Radar de um antigo programa de tevê intitulado *M*A*S*H*, só que: 1) O Radar da tevê não era negro e 2) Algum momento depois de ganhar o apelido nosso Radar cresceu uns quinze centímetros e passou a usar lentes de contato, então acho que 3) Ele não se parecia mais nem um pouco com o cara do *M*A*S*H*, mas 4) Não fazia sentido reapelidar o cara faltando três semanas e meia para a formatura do ensino médio.

— Com aquela garota, a Angela? — perguntei.

Radar nunca contava nada sobre sua vida amorosa, mas isso não nos impedia de especular com frequência.

Ben assentiu.

— Sabe aquele meu plano infalível de convidar uma calou-ra para o baile porque elas são as únicas que não sabem da história do Ben Mija-sangue? — indagou.

Concordei com a cabeça.

— Então — disse ele —, esta manhã, uma gatinha do nono ano veio me perguntar se eu era o Ben Mija-sangue, e eu comecei a explicar que tinha sido uma infecção renal, e ela desatou a rir e saiu correndo. Ou seja, o plano já era.

No décimo ano, Ben foi hospitalizado com uma infecção renal, só que Becca Arrington, a melhor amiga de Margo, espalhou o boato de que o verdadeiro motivo de haver sangue

na urina dele era que ele se masturbava muito. Apesar de isso ser medicamente implausível, a história assombrava Ben desde então.

— Que merda — falei.

Ben começou a delinear os planos a fim de encontrar um par para a festa, mas eu não prestei muita atenção porque, através da multidão que se aglomerava no corredor, vi Margo Roth Spiegelman. Ela estava junto ao seu armário, ao lado do namorado, Jase. Usava saia branca na altura dos joelhos e camiseta azul estampada. Dava para ver seu colo acima do decote. Estava rindo de forma histérica — os ombros curvados para a frente, os olhos grandes enrugados nos cantos, a boca escancarada. Mas não parecia ser de nada que Jase tivesse dito porque ela estava olhando para o outro lado, para uma fileira de armários na parede oposta do corredor. Segui a trajetória dos olhos dela e vi Becca Arrington agarrada a um jogador de beisebol como se ela fosse um enfeite e ele, uma árvore de Natal. Sorri para Margo, embora soubesse que ela não podia me ver.

— Cara, você devia tentar. Esqueça o Jase. Meu Deus, isso é o que eu chamo de excesso de gostosura.

Enquanto caminhávamos, eu olhava de relance para ela de vez em quando através da multidão: uma série de instantâneos fotográficos intitulada *A perfeição fica parada enquanto os mortais passam por ela*. Ao me aproximar, imaginei que talvez ela não estivesse rindo, afinal de contas. Talvez lhe tivessem feito uma surpresa ou dado um presente ou algo assim. Parecia não conseguir fechar a boca.

— É — respondi para Ben, ainda sem prestar atenção, ainda tentando olhar para ela o máximo possível sem dar bandeira.

Não era nem o fato de ela ser tão bonita. É que ela era o máximo, literalmente. E então já estávamos longe demais dela, muita gente entre nós dois, e eu nem consegui me aproximar o suficiente para ouvir sua voz ou entender qual tinha sido a sur-

presa hilariante. Ben balançou a cabeça; ele já me vira olhando para ela milhares de vezes e estava acostumado.

— Sendo sincero, ela é gostosa, mas também não é *tudo isso*. Sabe quem é gostosa de verdade?

— Quem? — perguntei.

— Lacey — disse ele, referindo-se a outra melhor amiga de Margo. — E a sua mãe. Cara, eu vi sua mãe beijar sua bochecha hoje de manhã, e foi mal, mas juro por Deus que pensei, *cara, eu queria ser o Q. E também queria ter um pênis na bochecha*.

Dei uma cotovelada nas costelas dele, mas ainda pensava em Margo, porque ela era a única deusa que eu tinha como vizinha. Margo Roth Spiegelman, cujo nome de seis sílabas era frequentemente pronunciado inteiro, em uma espécie de reverência silenciosa. Margo Roth Spiegelman, cujas histórias de aventuras épicas se espalhavam pela escola como uma tempestade de verão: um velho que morava num casebre em Hot Coffee, Mississippi, a ensinara a tocar violão. Margo Roth Spiegelman, que passou três dias viajando com o circo — eles achavam que a menina tinha potencial no trapézio. Margo Roth Spiegelman, que bebeu uma caneca de chá de ervas no camarim do Mallionaires depois de um show em St. Louis, enquanto eles bebiam uísque. Margo Roth Spiegelman, que conseguiu entrar no tal show dizendo ao segurança na porta que era namorada do baixista e que eles não a estavam reconhecendo, e, fala sério, cara, meu nome é Margo Roth Spiegelman, e se você for lá dentro e pedir para o baixista vir aqui me ver, ele vai dizer que ou eu sou a namorada dele ou que ele queria que eu fosse, e quando o segurança fez isso, o baixista veio e disse “é, ela é minha namorada, pode deixar entrar”, e depois, quando o cara quis ficar com ela, ela *deu um fora no baixista do Mallionaires*.

As histórias, quando passadas adiante, invariavelmente acabavam com um “Dá para acreditar?”. Normalmente não dava, mas elas sempre se provavam verdadeiras.

E então chegamos aos nossos armários. Radar estava recostado no armário de Ben, digitando em um tablet.

— Quer dizer que você vai ao baile de formatura — falei para ele.

Ele levantou o olhar para mim e então voltou a encarar o aparelho.

— Estou desvandalizando um artigo no Omnictionary sobre um ex-primeiro-ministro francês. Ontem à noite alguém apagou o verbete inteiro e deixou só a frase “Jacques Chirac é viado”, o que foge não só à verdade como também à gramática.

Radar é megaeditor de uma enciclopédia on-line aberta chamada Omnictionary. A vida inteira dele é dedicada à manutenção e ao bem-estar do Omnictionary. Por isso, e por vários outros motivos, o fato de ele ter alguém com quem ir à festa era algo tão surpreendente.

— Quer dizer que você vai ao baile de formatura — repeti.

— Foi mal — desculpou-se ele, sem erguer o olhar.

Todo mundo sabia que eu era contra o baile de formatura. Nada que tivesse a ver com essa festa me interessava — nem dançar música lenta, nem dançar música agitada, nem os vestidos e, definitivamente, nem os smokings alugados. Alugar um smoking me parecia uma ótima maneira de pegar uma doença medonha do locatário anterior, e eu não tinha a menor pretensão de ser o único virgem do mundo com chatos.

— Cara — disse Ben a Radar —, as calouras já sabem da história do Ben Mija-sangue. — Radar finalmente desviou os olhos do aparelho e assentiu em solidariedade. — Então — continuou Ben —, as duas estratégias que me restam são: contratar pela internet um par para o baile de formatura ou pegar um avião para um fim de mundo, tipo o Missouri, e sequestrar uma gatinha caipira.

Eu já tinha tentado avisar ao Ben que “gatinha” soava machista e caído, em vez de retrô e descolado, mas ele se recusava

a abandonar a gíria. Chamava até a própria mãe de gatinha. Ben não tinha jeito.

— Vou perguntar a Angela se ela conhece alguém — disse Radar. — Só que lhe arrumar um par para o baile de formatura vai ser mais difícil do que transformar chumbo em ouro.

— Arrumar um par para você vai ser tão duro que só com a simples hipótese já daria para cortar diamantes — acrescentei.

Radar bateu o punho duas vezes em um dos armários, em um gesto de aprovação, e veio com outra:

— Ben, arrumar um par para você é tão difícil que o governo norte-americano acha que não dá para fazer isso só com diplomacia, e que vai ser preciso usar a força.

Eu estava tentando pensar em algo mais quando nós três vimos, ao mesmo tempo, a massa humana de anabolizantes que atende pelo nome de Chuck Parson caminhando cheio de si em nossa direção. Chuck Parson não participava de nenhum esporte coletivo porque isso o afastaria de seu principal objetivo na vida: ser preso por homicídio algum dia.

— E aí, seus bichinhas — disse ele.

— Chuck — cumprimentei do jeito mais amistoso que pude.

Havia uns dois anos que Chuck não representava um problema maior para nós — alguém do grupinho de alunos descolados tinha decretado que não era para mexer com a gente. Então era meio esquisito ele vir falar conosco.

Talvez porque eu tivesse falado alguma coisa, talvez não, ele deu um soco no armário e firmou as mãos ali, uma de cada lado e eu no meio, e chegou tão perto do meu rosto que eu podia imaginar qual era a marca da pasta de dente dele.

— O que você sabe sobre Margo e Jase?

— Hum — respondi.

Pensei em tudo que sabia sobre eles: Jase era o primeiro e único namorado sério de Margo Roth Spiegelman. Eles haviam começado a sair no fim do ano anterior. Os dois iam para

a Universidade da Flórida no ano seguinte. Jase conseguira uma bolsa pelo time de beisebol da universidade. Ele nunca ia à casa dela, a não ser para buscá-la para sair. Ela nunca agia como se gostasse dele tanto assim, mas... ela nunca agia como se gostasse de ninguém tanto assim.

— Nada — respondi, por fim.

— Para de sacanagem — rosnou ele.

— Eu *mal* conheço a Margo — falei, o que tinha se tornado verdade.

Ele refletiu por um instante, e eu tentei encarar aqueles olhos juntos. Ele assentiu muito ligeiramente, tirou as mãos do armário e se afastou, a caminho de sua primeira aula do dia: como manter e cultivar os músculos peitorais. O segundo sinal tocou. Um minuto para a aula. Radar e eu estávamos na turma de cálculo; Ben, na de matemática finita. As salas eram geminadas; caminhamos juntos, os três lado a lado, confiando que o mar de alunos iria abrir passagem para nós, e abriu.

— Arrumar um par para você vai ser tão difícil que mil macacos digitando em mil máquinas de escrever durante mil anos não digitariam “Eu vou ao baile de formatura com o Ben” — falei.

Nem o próprio Ben conseguiu deixar de se zoar:

— Minhas chances de arrumar um par são tão baixas que nem a avó do Q me quis. Ela disse que estava esperando o convite do Radar.

— É verdade, Q. Sua avó adora os irmãos de cor.

Radar concordou com um movimento lento de cabeça.

Foi muito fácil me esquecer de Chuck e conversar sobre o baile de formatura, ainda que eu não desse a mínima para a festa. E assim foi a vida naquela manhã: nada importava de verdade, nem as coisas boas, nem as ruins. Estávamos entretidos em divertir uns aos outros, e estávamos mandando razoavelmente bem.

Passei as três horas seguintes dentro de salas de aula, tentando não olhar para os relógios acima de diferentes quadros-negros e então voltar a olhá-los e me surpreender por só terem passado uns poucos minutos desde a última espiada. Eu tinha quase quatro anos de experiência olhando para aqueles relógios, mas a lerdeza deles nunca deixava de me impressionar. Se alguém me dissesse que eu só teria mais aquele dia de vida, eu iria diretamente para os corredores sagrados da Winter Park High School, famosa pelo dia que dura mil anos.

No entanto, embora parecesse que a aula de física do terceiro tempo nunca iria acabar, ela acabou, e eu fui com Ben para a cantina. Radar almoçava no quinto tempo, com a maioria de nossos amigos, então normalmente éramos eu e Ben apenas, umas duas cadeiras entre nós e um grupo de alunos do teatro que a gente conhecia. Naquele dia, estávamos comendo minipizzas de pepperoni.

— Gosto de pizza — falei. Ele concordou distraidamente.
— O que foi?

— Nada — respondeu ele com a boca cheia de pizza. E então engoliu. — Sei que você acha que é uma idiotice, mas eu quero ir ao baile de formatura.

— Um: sim, acho que é uma idiotice; dois: se você quer ir, vá; três: se não estou enganado, você ainda nem convidou ninguém.

— Convidei Cassie Hiney durante a aula de cálculo. Passei um bilhete para ela.

Ergui a sobancelha, questionando-o. Ben enfiou a mão no bolso e me passou um pedaço de papel dobrado várias vezes. Desdobrei:

Ben,

Eu adoraria ir à festa com você, mas já falei para o Frank que iria com ele. Foi mal!

C.

Dobrei o bilhete e devolvi a Ben, por cima da mesa. Ainda me lembrava de jogar futebol com bolinhas de papel naquelas mesas.

— Que merda — comentei.

— É, tanto faz. — Naquele instante foi como se os muros de som estivessem se fechando sobre nós, e ficamos em silêncio por um instante e então Ben ergueu o olhar para mim e disse, muito sério: — Eu vou zoar muito na faculdade. Vou entrar no *Guinness* na categoria “O maior pegador de gatinhas”.

Eu ri. Estava pensando nos pais de Radar, que estavam de fato no *Guinness*, quando reparei em uma menina negra bonita, com dreads pequeninhos e pontudos, caminhando em nossa direção. Levei um tempo para perceber que se tratava de Angela, a quem-sabe-namorada de Radar.

— Oi — cumprimentou ela.

— E aí? — respondi.

Nós éramos da mesma turma em algumas matérias, então eu a conhecia um pouco, mas a gente não se cumprimentava no corredor, nem nada parecido. Cheguei para o lado, para que ela se sentasse conosco. Ela puxou uma cadeira e ficou na cabeceira.

— Acho que vocês conhecem o Marcus melhor do que qualquer um — disse ela, usando o nome verdadeiro de Radar e inclinando-se em nossa direção, os cotovelos na mesa.

— É um trabalho sujo, mas alguém tem que fazer — respondeu Ben, sorrindo.

— Vocês acham que ele, tipo, tem vergonha de mim?

— O quê? Não.

Ben riu.

— Tecnicamente, *você* é quem deveria ter vergonha *dele* — acrescentei.

Ela revirou os olhos, sorrindo. Estava acostumada a receber elogios.

— Mas ele nunca me chamou para sair com vocês, por exemplo.

— Ahhh — falei, finalmente entendendo a questão. — Isso é porque ele tem vergonha *da gente*.

Ela riu.

— Vocês me parecem ser bem normais.

— É porque você nunca viu Ben beber Sprite pelo nariz e depois cuspir pela boca — respondi.

— Eu fico igual a um chafariz desvairado de refrigerante — acrescentou ele na maior cara de pau.

— Mas, é sério, vocês não ficariam preocupados? Quer dizer, estamos saindo há cinco semanas e ele nunca nem mesmo me levou à casa dele — Ben e eu trocamos um olhar cúmplice, e eu fiz uma careta para conter uma gargalhada. — O que foi? — perguntou ela.

— Nada — respondi. — Mas, sendo honesto, Angela, se ele estivesse forçando você a sair com a gente e levando você à casa dele o tempo todo...

— Aí sim significaria que ele *não* gosta muito de você — completou Ben para mim.

— Os pais dele são esquisitos?

Responder àquela pergunta com honestidade era uma saia justa:

— Hum, não. Eles são legais. Só um pouco superprotetores, acho.

— É, superprotetores — concordou Ben meio depressa demais.

Ela sorriu e se levantou, dizendo que precisava encontrar alguém antes do fim do almoço. Ben a esperou se afastar para dizer:

— Essa garota é o máximo.

— Eu sei. Será que a gente consegue trocar o Radar por ela?

— Mas ela provavelmente não manda bem em computadores. A gente precisa de alguém que seja bom com computadores.

Além do mais, aposto que é fraca em *Resurrection*. — Esse era nosso *video game* preferido. — Aliás — acrescentou Ben —, foi uma boa saída dizer que os pais do Radar eram superprotetores.

— Pois é, não sou eu quem tem que dizer a ela.

— Quanto tempo até ela conhecer a Residência e Museu Família Radar?

Ben sorriu.

Nosso horário de almoço estava quase no fim, então Ben e eu nos levantamos e levamos nossas bandejas até a esteira de coleta. A mesma em que Chuck Parson me atirara no primeiro ano, quando fui parar no assustador inferno das lava-louças da Winter Park. Caminhamos até o armário de Radar e ficamos ali até ele aparecer correndo logo depois do primeiro sinal.

— No meio da aula sobre ciências políticas concluí que literalmente era melhor chupar bola de jumento do que assistir àquela aula até o final do semestre — disse ele.

— Dá para aprender muito sobre o governo a partir das bolas de um jumento — falei. — Ah, e por falar em motivos pelos quais você gostaria de almoçar durante o quarto tempo, acabamos de almoçar com Angela.

Ben lançou um sorrisinho malicioso para Radar e disse:

— É, ela quer saber por que você nunca a levou à sua casa.

Radar expirou por um longo tempo enquanto girava o cadeado do armário. Ele soltou tanto ar que achei que fosse desmaiar.

— Bosta — disse ele, afinal.

— Você está com vergonha? — perguntei, sorrindo.

— Cale a boca — respondeu ele, dando-me uma cotovelada na barriga.

— Você tem uma casa encantadora — comentei.

— Sério, cara — acrescentou Ben. — Ela é mesmo uma garota muito legal. Não entendo por que você não pode apresentá-la aos seus pais e mostrar a Casa Radar.

Radar jogou os livros no armário e bateu a porta. O burburinho à volta diminuiu assim que ele olhou para cima e berrou:

— EU NÃO TENHO CULPA POR MEUS PAIS TEREM A MAIOR COLEÇÃO MUNDIAL DE PAPAIS NOÉIS NEGROS!

Eu já tinha ouvido Radar dizer “a maior coleção mundial de Papais Noéis negros” mais de mil vezes, e ainda assim nunca perdia a graça. Mas ele não estava brincando. Eu me lembro da primeira vez que o visitei. Devia ter uns treze anos. Era março ou abril, ou seja, vários meses depois do Natal, mas ainda havia Papais Noéis negros no parapeito da casa. Papais Noéis negros de papel pendendo do corrimão da escada. Velas de Papais Noéis negros decorando a mesa de jantar. Acima da lareira, um óleo sobre tela de um Papai Noel negro, e na prateleira abaixo várias estátuas de Papais Noéis negros. Eles tinham uma caixa de balas de Papai Noel negro comprada na Namíbia. A luminária plástica de Papai Noel negro que enfeitava a caixinha do correio entre o dia de Ação de Graças e o Ano-novo passava o restante do ano vigiando orgulhosamente um canto do banheiro de visitas, que era coberto por um papel de parede pintado em casa com tinta e uma esponja em formato de Papai Noel. Eles estavam em todos os quartos, exceto no de Radar, e a casa era o próprio império papai-noelístico: de gesso, plástico, mármore, argila, madeira, resina e tecido. Ao todo, os pais dele tinham mais de mil e duzentos Papais Noéis negros dos mais variados tipos. Ao lado da porta da frente, uma placa anunciava que a casa de Radar era oficialmente um ponto de referência na tradição dos Papais Noéis, de acordo com a Sociedade do Natal.

— Você tem que contar para ela, cara — falei. — É só dizer: “Angela, eu gosto mesmo de você, mas tem uma coisa que você precisa saber: quando a gente for lá em casa dar uns amassos, vamos ser observados por dois mil e quatrocentos olhos de mil e duzentos Papais Noéis negros.”

Radar correu os dedos pelo cabelo raspado curto e balançou a cabeça.

— É, acho que não vai ser bem assim que vou dizer, mas vou dar meu jeito.

Segui para a aula de ciências políticas e Ben para a eletiva de design de *video games*. Observei relógios por mais dois tempos, e finalmente o alívio irradiou de meu peito quando as aulas acabaram — o final de cada dia como uma espécie de ensaio para o final do ensino médio, a menos de um mês.

Fui para casa. Lanchei dois sanduíches de manteiga de amendoim com geleia. Assisti ao pôquer na tevê. Meus pais chegaram às seis, se abraçaram e me abraçaram. Jantamos uma caçarola de macarrão. Eles me perguntaram sobre a escola. Perguntaram sobre o baile de formatura. Ficaram maravilhados com o excelente trabalho que desempenharam em minha criação. Contaram sobre o dia deles, lidando com gente que não tinha sido criada tão bem assim. Foram assistir à tevê. Eu segui para meu quarto e fui ler meu e-mail. Escrevi um pouco sobre *O grande Gatsby* para a aula de inglês. Li alguns artigos de *O Federalista* a fim de me preparar para a prova final de ciências políticas. Estava no chat com Ben, depois Radar ficou on-line. Enquanto conversávamos, ele usou a expressão “a maior coleção mundial de Papais Noéis negros” quatro vezes, e eu ri em todas elas. Eu disse que estava feliz por ele, por ter uma namorada. Ele disse que o verão seria ótimo. Concordei. Era cinco de maio, mas não fazia diferença. Meus dias tinham uma agradável uniformidade. E eu sempre gostei disso: eu gostava da rotina. Gostava de sentir tédio. Não queria gostar, mas gostava. E assim, o cinco de maio poderia ter sido um outro dia qualquer — até pouco antes de meia-noite, quando Margo Roth Spiegelman abriu a janela sem tela do meu quarto pela primeira vez desde que me mandara fechá-la nove anos antes.